ISABEL ALLENDE

A ILHA DEBAIXO DO MAR

Tradução de
Jorge Fallorca

Porto Editora

Zarité

Aos meus quarenta anos, eu, Zarité Sedella, tive melhor sorte do que as outras escravas. Vou viver muitos anos e a minha velhice será feliz porque a minha estrela – a minha z'étoile *– também brilha quando a noite está enevoada. Conheço o gosto de estar com o homem escolhido pelo meu coração quando as suas mãos grandes me despertam a pele. Tive quatro filhos e um neto, e os que estão vivos são livres. A minha primeira recordação de felicidade, quando era uma ranhosa ossuda e desgrenhada, é menear-me ao som dos tambores, e é essa também a minha mais recente felicidade, porque ontem à noite estive na Praça do Congo a dançar sem parar, sem pensamentos na cabeça, e hoje o meu corpo está quente e cansado. A música é um vento que leva os anos, as recordações e o temor, esse animal agachado que tenho dentro de mim. Com os tambores desaparece a Zarité de todos os dias e volto a ser a criança que dançava quando ainda mal sabia caminhar. Bato no chão com as plantas dos pés e a vida sobe-me pelas pernas, percorre-me o esqueleto, apodera-se de mim, tira-me os desgostos e adoça-me a memória. O mundo estremece. O ritmo nasce na ilha debaixo do mar, sacode a terra, atravessa-me como um relâmpago e sobe ao céu levando os meus pesares, para que Papa Bondye os mastigue, os engula e me deixe limpa e contente. Os tambores vencem o medo. Os tambores são a herança da minha mãe, a força da Guiné que corre no meu sangue. Ninguém me leva a melhor então, torno-me envolvente como Erzuli,* loa *do amor, e mais veloz do que o chicote. Chocalham as conchas nos meus tornozelos e pulsos, perguntam as cabaças, respondem os* djembés *com a sua voz de bosque e os timbales*

com a sua voz de metal, convidam os djun-djuns *que sabem falar e ronca o grande* maman *quando batem nele para chamar os* loas. *Os tambores são sagrados, os* loas *falam através deles.*

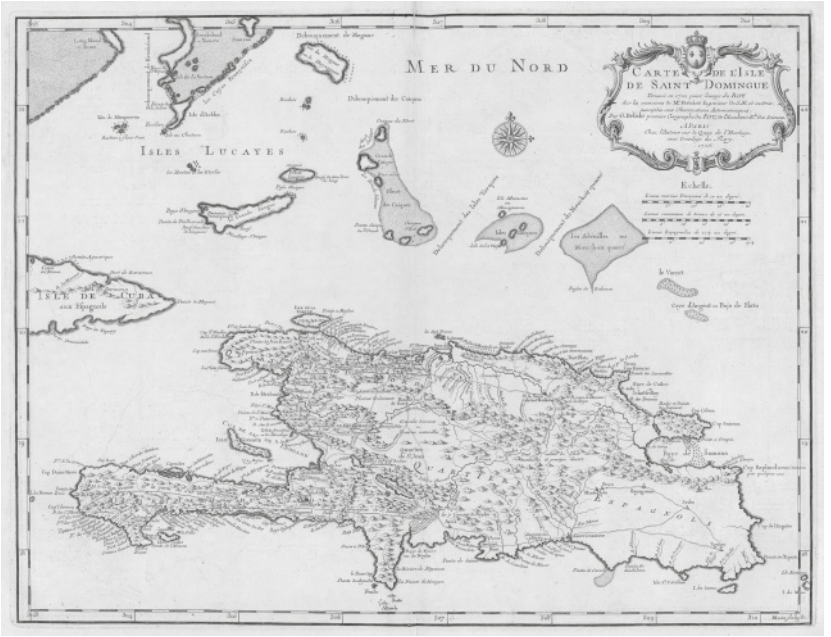
Na casa onde me criaram durante os meus primeiros anos, os tambores permaneciam calados na divisão que partilhava com Honoré, o outro escravo, mas costumavam passear muitas vezes. Madame Delphine, então a minha ama, não queria ouvir barulho de negros, só os queixumes melancólicos do seu clavicórdio. Às segundas e terças dava aulas a raparigas de cor, e no resto da semana ensinava nas mansões dos grands blancs, *onde as senhoritas dispunham dos seus próprios instrumentos porque não podiam usar os mesmos que as mulatas tocavam. Aprendi a limpar as teclas com sumo de limão, mas não podia fazer música porque* madame *proibia-nos de nos aproximarmos do seu clavicórdio. Não nos fazia falta nenhuma. Honoré conseguia tirar música de uma caçarola, qualquer coisa na sua mão tinha compasso, melodia, ritmo e voz; tinha os sons no corpo, tinha-os trazido do Daomé. O meu brinquedo era uma cabaça oca que fazíamos tocar; depois, ensinou-me a acariciar devagarinho os seus tambores. E isto logo no princípio, quando ele ainda me pegava ao colo e me levava aos bailes e aos serviços vodu, onde ele marcava o ritmo com o tambor principal para que os outros o seguissem. É assim que me recordo. Honoré parecia muito velho porque tinham-se-lhe arrefecido os ossos, embora, nessa altura, não tivesse mais anos do que os que agora tenho. Bebia* tafia[1] *para suportar o sofrimento de se mexer, mas, mais do que esse licor áspero, o seu melhor remédio era a música. Os seus queixumes tornavam-se risos ao som dos tambores. Honoré só conseguia descascar batatas para a comida da ama com as suas mãos deformadas, mas a tocar o tambor era incansável e, quando se tratava de dançar, ninguém levantava os joelhos mais alto, nem abanava a cabeça com mais força, nem bamboleava o rabo com mais gosto. Quando eu ainda não sabia andar, fazia-me dançar sentada, e assim que consegui segurar-me nas duas pernas, convidava-me a perder-me na música, como num sonho. «Dança, dança, Zarité, porque escravo que dança é livre… enquanto dança», dizia-me. Eu dancei sempre.*

---

[1] Aguardente de cana, de qualidade inferior ao rum. *(N. do T.)*

Primeira parte

Saint-Domingue, 1770-1793



O mal espanhol

Toulouse Valmorain chegou a Saint-Domingue em 1770, no mesmo ano em que o delfim de França se casou com a arquiduquesa austríaca Maria Antonieta. Antes de viajar para a colónia, quando ainda não suspeitava que o seu destino lhe ia pregar uma partida e acabaria enfaixado entre canaviais nas Antilhas, tinha sido convidado para ir a Versalhes a uma das festas em honra da nova delfina, uma rapariguinha loura, de catorze anos, que bocejava sem pejo no meio do rígido protocolo da corte francesa.

Tudo isso foi remetido para o passado. Saint-Domingue era outro mundo. O jovem Valmorain tinha uma ideia bastante vaga do lugar onde o seu pai amassava, mal ou bem, o pão da família com a ambição de o converter numa fortuna. Tinha lido algures que os habitantes originais da ilha, os aruaques, lhe chamavam Haiti, antes de os conquistadores lhe trocarem o nome para La Espanola e acabarem com os nativos. Em menos de cinquenta anos, não sobrou um único aruaque vivo, nem como amostra: pereceram todos, vítimas da escravidão, das doenças europeias e do suicídio. Eram uma raça de pele avermelhada, cabelo forte e preto, de inalterável dignidade, tão tímidos que um só espanhol podia vencer dez deles com a mão nua. Viviam em comunidades polígamas, cultivando a terra com cuidado para não a esgotar: *camote*[2], milho, abóbora, amendoim, pimentos, batata e mandioca. A terra, como o céu e a água, não tinham dono, até os estrangeiros se apoderarem dela para cultivar plantas nunca

[2] Espécie de batata-doce. *(N. do T.)*

vistas com o trabalho forçado dos aruaques. Começou nesse tempo o hábito de «canzoar»: matar pessoas indefesas açulando cães contra elas. Quando acabaram com os indígenas, importaram escravos sequestrados em África e brancos na Europa, condenados, órfãos, prostitutas e revoltosos.

No final de mil e seiscentos, a Espanha cedeu a parte ocidental da ilha à França, que lhe chamou Saint-Domingue e que haveria de se converter na colónia mais rica do mundo. Na época em que Toulouse Valmorain ali chegou, um terço das exportações de França, através do açúcar, café, tabaco, algodão, índigo e cacau, provinha da ilha. Já não havia escravos brancos, mas os negros somavam-se em centenas de milhares. O cultivo mais exigente era a cana-de-açúcar, o ouro doce da colónia; cortar a cana, triturá-la e reduzi-la a mosto não era trabalho de gente, mas sim de besta, como defendiam os plantadores.

Valmorain acabava de fazer vinte anos quando foi convocado para ir à colónia por uma carta angustiante do agente comercial do seu pai. Quando desembarcou, estava vestido de acordo com a última moda: punhos de renda, peruca empoada e sapatos de salto alto, seguro de que os livros de exploração que tinha lido o capacitavam de sobra para assessorar o pai durante umas semanas. Viajava com um *valet,* quase tão galhardo como ele, vários baús com o seu vestuário e os seus livros. Definia-se como um homem de Letras e, quando regressasse a França, pensava dedicar-se à ciência. Admirava os filósofos e enciclopedistas, que tanto impacto tinham tido na Europa nas décadas recentes, e estava de acordo com algumas das suas ideias liberais: o *Contrato Social* de Rousseau tinha sido o seu texto de cabeceira aos dezoito anos. Assim que desembarcou, depois de uma travessia que por pouco não terminou em tragédia quando enfrentou um furacão no Caribe, teve a primeira surpresa desagradável: o seu progenitor não o esperava no porto. Foi recebido pelo agente, um judeu amável, vestido de preto da cabeça aos pés, que o pôs ao corrente das precauções necessárias para se movimentar pela ilha, lhe disponibilizou cavalos, um par de mulas para a bagagem, um guia e um miliciano para que os acompanhassem à *habitation* Saint-Lazare. O jovem jamais tinha posto os pés fora de França e tinha prestado muito pouca atenção às histórias

– banais, regra geral – que o pai costumava contar durante as suas pouco frequentes visitas à família, em Paris. Não imaginou que alguma vez iria à plantação; o acordo tácito consistia na consolidação da fortuna na ilha pelo seu pai, enquanto ele cuidava da mãe e das irmãs e supervisionava os negócios em França. A carta que recebera fazia alusão a problemas de saúde, e pensou que se tratava de uma febre passageira, mas quando chegou a Saint-Lazare, depois de um dia de marcha desenfreada através de uma Natureza glutona e hostil, deu-se conta de que o pai estava a morrer. Não sofria de malária, como ele julgava, mas de sífilis, que devastava brancos, negros e mulatos, indiferentemente. A doença atingira o seu último estado e o seu pai estava quase inválido, coberto de pústulas, com os dentes a abanar e a mente entre brumas. As curas dantescas de sangrias, mercúrio e cauterizações do pénis com arames em brasa não o tinham aliviado, porém, continuavam a praticá-las como ato de contrição. Acabava de fazer cinquenta anos e estava convertido num ancião que dava ordens disparatadas, urinava-se sem controlo e estava sempre numa rede com as suas mascotes, duas pretinhas acabadas de chegar à puberdade.

Enquanto os escravos desencaixotavam a sua bagagem sob as ordens do *valet,* um janota que mal tinha aguentado a travessia de barco e estava espantado com as condições primitivas do lugar, Toulouse Valmorain ausentou-se para percorrer a vasta propriedade. Nada sabia do cultivo de cana, mas bastou-lhe aquele passeio para compreender que os escravos estavam esfomeados e que a plantação só se tinha salvado da ruína porque o mundo consumia açúcar com uma voracidade crescente. Nos livros de contabilidade, encontrou a explicação para as más finanças do pai, que não conseguia manter a família em Paris com o decoro correspondente à sua posição. A produção era um desastre e os escravos caíam como tordos; não teve dúvida de que os capatazes roubavam, aproveitando-se da clamorosa deterioração do amo. Amaldiçoou a sua sorte e dispôs-se a arregaçar as mangas e trabalhar, coisa que nenhum jovem do seu meio ponderava sequer: o trabalho era para gente de outra classe. Começou por conseguir um suculento empréstimo graças ao apoio e às ligações com banqueiros do agente comercial do seu pai,

a seguir mandou os *commandeurs* aos canaviais, para trabalhar lado a lado com os mesmos que tinham martirizado antes, e substituiu-os por outros menos depravados, reduziu os castigos e contratou um veterinário, que passou dois meses em Saint-Lazare a procurar devolver alguma saúde aos negros. O veterinário não conseguiu salvar o seu *valet,* despachado por uma diarreia fulminante em menos de trinta e oito horas. Valmorain deu-se conta de que os escravos do pai duravam uma média de dezoito meses entre fugir ou cair mortos de fadiga, muito menos do que noutras plantações. As mulheres viviam mais do que os homens, mas rendiam menos no trabalho pesado dos canaviais e tinham o mau hábito de ficarem prenhes. Como sobreviviam muito poucas crias, os plantadores tinham calculado que a fertilidade entre os negros era tão baixa que não era rentável. O jovem Valmorain realizou as mudanças necessárias de forma automática, sem planos e depressa, decidido a avançar a toda a brida, mas quando o pai morreu, uns meses mais tarde, teve de enfrentar o facto inquestionável de estar falido. Não pretendia deixar os seus ossos naquela colónia infestada de mosquitos, mas, se partisse antes do tempo, perderia a plantação, e com ela os lucros e a posição social da sua família em França.

Valmorain não tentou relacionar-se com outros colonos. Os *grands blancs,* proprietários de outras plantações, consideravam-no um presumido que não duraria muito na ilha; por isso, ficaram assombrados por vê-lo com as botas enlameadas e queimado pelo sol. A antipatia era mútua. Para Valmorain, aqueles franceses transplantados para as Antilhas eram uns parolos, o oposto da sociedade que ele tinha frequentado, onde se exaltava as ideias, as ciências e as artes, e ninguém falava de dinheiro nem de escravos. Da «idade da razão», em Paris, passou a afundar-se num mundo primitivo e violento, onde os vivos e os mortos andavam de mão dada. Também não fez amizade com os *petits blancs,* cujo único capital era a cor da pele, uns pobres diabos empeçonhados pela inveja e a maledicência, como ele dizia. Tinham vindo dos quatro pontos cardeais e não havia maneira de averiguar a pureza do seu sangue ou o seu passado. No melhor dos casos, eram comerciantes, artesãos, frades de pouca virtude, marinheiros, militares e funcionários menores,

mas também havia meliantes, chulos, criminosos e corsários que utilizavam cada recanto do Caribe para as suas canalhices. Ele não tinha nada em comum com essa gente.

Entre os mulatos livres ou *affranchis* existiam mais de sessenta classificações segundo a percentagem de sangue branco, que determinava o seu nível social. Valmorain nunca conseguiu distinguir os tons nem aprender a denominação de cada combinação das duas raças. Os *affranchis* não dispunham de poder político, mas movimentavam muito dinheiro; por isso, os brancos pobres odiavam-nos. Alguns ganhavam a vida com tráficos ilícitos, desde o contrabando à prostituição, mas outros tinham sido educados em França e possuíam fortuna, terras e escravos. Acima das subtilezas da cor, os mulatos estavam unidos pela sua aspiração comum de passar por brancos e o seu desprezo visceral pelos negros. Os escravos, cujo número era dez vezes maior do que o dos brancos e *affranchis* juntos, não contavam para nada, nem no censo da população, nem na consciência dos colonos.

Uma vez que não lhe convinha isolar-se por completo, Toulouse Valmorain frequentava, de vez em quando, algumas famílias de *grands blancs* em Le Cap, a cidade mais próxima da sua plantação. Nessas viagens, comprava o necessário para se abastecer e, se não o podia evitar, passava pela Assembleia Colonial para cumprimentar os seus pares – assim não esqueceriam o seu apelido –, mas não participava nas sessões. Também aproveitava para ver comédias no teatro, assistir a festas das *cocottes* – as exuberantes cortesãs francesas, espanholas e de raças misturadas que dominavam a vida noturna – e conviver com exploradores e cientistas que se detinham na ilha, de passagem para outros sítios mais interessantes. Saint-Domingue não atraía visitantes, mas às vezes chegavam alguns para estudar a Natureza ou a economia das Antilhas, que Valmorain convidava para Saint-Lazare com a intenção de recuperar, ainda que brevemente, o prazer da conversação elevada que tinha ilustrado os seus tempos de Paris. Três anos depois da morte do pai, podia mostrar-lhes a propriedade com orgulho; transformara aquele destroço de negros doentes e canaviais secos numa das plantações mais prósperas entre as oitocentas da ilha, multiplicara por cinco o volume de açúcar por refinar para exportação e instalara uma destilaria onde

produzia seletas barricas de um rum muito mais fino do que o que era costume beber-se. Os seus visitantes passavam uma ou duas semanas no rústico casarão de madeira, a empanzinar-se com a vida de campo e a apreciar de perto a mágica invenção do açúcar. Passeavam a cavalo por entre os densos pastos que assobiavam, ameaçadores, pela brisa, protegidos do sol por grandes chapéus de palha e a bocejar na humidade a ferver do Caribe, enquanto os escravos, como sombras afiadas, cortavam as plantas rente à terra sem matar a raiz, para que houvesse outras colheitas. De longe, pareciam insetos entre os descomunais canaviais que os ultrapassavam no dobro em altura. A tarefa de limpar as duras canas, picá-las nas máquinas dentadas, esmagá-las nas prensas e ferver o suco em grandes caldeirões de cobre para obter um mosto escuro tornava-se fascinante para aquela gente da cidade que só tinha visto os alvos cristais que adoçavam o café. Esses visitantes punham Valmorain em dia sobre o que se passava na Europa, cada vez mais remota para ele, atualizando-o sobre os novos avanços tecnológicos e científicos e as ideias filosóficas na moda. Abriam-lhe um postigo para que espreitasse o mundo e deixavam-lhe como prenda alguns livros. Valmorain desfrutava com os hóspedes, mas desfrutava ainda mais quando se iam embora; não gostava de ter testemunhas na sua vida nem na sua propriedade. Os estrangeiros observavam a escravidão com uma mistura de repugnância e doentia curiosidade que lhe era ofensiva porque se considerava um amo justo: se soubessem como os outros plantadores tratavam os seus negros, estariam de acordo com ele. Sabia que mais do que um voltaria à civilização como abolicionista e disposto a sabotar o consumo de açúcar. Antes de se ver obrigado a viver na ilha, a escravidão também o teria chocado, se tivesse conhecido os pormenores, mas o seu pai nunca fez referência a esse tema. Agora, com centenas de escravos a seu cargo, as suas ideias a esse respeito tinham mudado.

Toulouse Valmorain passou os primeiros anos a tirar Saint-Lazare da devastação e não lhe foi possível viajar para fora da colónia uma única vez. Perdeu o contacto com a mãe e as irmãs, exceto esporádicas cartas num tom formal que só transmitiam as banalidades da existência diária e o estado de saúde.

Tinha experimentado um par de administradores trazidos de França – os crioulos tinham reputação de corruptos – mas foram um fracasso: um morreu mordido por uma cobra e o outro abandonou-se à tentação do rum e das concubinas, até que chegou a sua mulher para o resgatar e levá-lo sem apelo. Agora estava a experimentar Prosper Cambray que, como todos os mulatos livres na colónia, tinha servido os três anos regulamentares na milícia – a Maréchaussée – encarregada de fazer respeitar a lei, manter a ordem, cobrar impostos e perseguir *cimarrones*[3]. Cambray carecia de fortuna ou padrinhos, e optou por ganhar a vida na ingrata tarefa de caçar negros naquela geografia disparatada de selvas hostis e montanhas abruptas, onde nem as mulas caminhavam seguras. Era de pele amarela, marcada de varíola, com o cabelo encaracolado cor de ferrugem, os olhos esverdeados, sempre irritados, e uma voz bem modulada e suave, que contrastava como uma piada com o seu carácter brutal e o seu físico de desordeiro. Exigia servilismo abjeto dos escravos e, ao mesmo tempo, era rasteiro para com quem estivesse acima dele. A princípio, tentou conquistar a estima de Valmorain com intrigas, mas rapidamente compreendeu que os separava um abismo de raça e de classe. Valmorain ofereceu-lhe um bom salário, a oportunidade de exercer autoridade e o engodo de se converter no chefe dos capatazes.

Passou então a dispor de mais tempo para ler, ir à caça e viajar para Le Cap. Tinha conhecido Violette Boisier, a *cocotte* mais solicitada da cidade, uma rapariga livre, com reputação de ser limpa e saudável, com herança africana e aspeto de branca. Pelo menos com ela não terminaria como o seu pai, com o sangue aguado pelo «mal espanhol».

[3] Escravos fugidos, unidos em bandos rebeldes, que se refugiavam no cimo das cordilheiras. (*N. do T.*)

IDMAR-2

Ave noturna

Violette Boisier era filha de outra cortesã, uma mulata magnífica que morreu aos vinte e nove anos, trespassada pelo sabre de um oficial francês – possivelmente, o pai de Violette, embora isso nunca tenha sido confirmado –, tresloucado de ciúmes. A jovem começou a exercer a profissão aos onze anos, sob a tutela da mãe; aos treze, quando esta foi assassinada, dominava as requintadas artes do prazer, e aos quinze superava todas as suas rivais. Valmorain preferia não pensar com quem é que a sua *petite amie* fazia traquinices na sua ausência, uma vez que não estava disposto a comprar exclusividade. Tinha-se tomado de caprichos por Violette, puro movimento e riso, mas possuía suficiente sangue-frio para dominar a sua imaginação, ao contrário do militar que matou a mãe e arruinou a sua carreira e o seu nome. Conformava-se com levá-la ao teatro e a festas de homens a que não assistiam mulheres brancas e onde a sua radiante formosura atraía os olhares. A inveja que provocava noutros homens ao apresentar-se com ela de braço dado dava-lhe uma satisfação perversa; muitos sacrificariam a honra para passar uma noite inteira com Violette, em vez de uma ou duas horas, como era o estipulado, mas esse privilégio pertencia só a ele. Pelo menos, assim o julgava.

A jovem dispunha de uma vivenda com três divisões e uma varanda com uma grade de ferro de flores-de-lis no segundo piso de um edifício perto da Praça Clugny, única herança que a mãe lhe deixou, além de alguns vestidos adequados ao seu ofício. Ali residia com um certo luxo, acompanhada de Loula, uma escrava africana, gorda e masculinizada, que fazia de criada e de guarda-costas.

Violette passava as horas mais quentes a descansar ou dedicada à sua beleza: massagens com leite de coco, depilação com caramelo, banhos de óleos para o cabelo, infusões de ervas para aclarar a voz e o olhar. Em certos momentos de inspiração, preparava com Loula unguentos para a pele, sabão de amêndoa, pastas e pós de maquilhagem que vendia entre as suas amizades femininas. Os seus dias decorriam lentos e ociosos. Ao entardecer, quando os enfraquecidos raios do Sol já não podiam manchar-lhe a cútis, saía para passear a pé, se o clima o permitia, ou numa liteira de mão levada por dois escravos que alugava a uma vizinha; evitava assim sujar-se com a bosta de cavalo, o lixo e a lama das ruas de Le Cap. Vestia-se discretamente para não insultar as outras mulheres; nem brancas nem mulatas toleravam de bom grado tamanha concorrência. Ia às lojas fazer as suas compras e ao cais para conseguir artigos de contrabando entre os marinheiros, visitava a modista, o cabeleireiro e as suas amigas. Com a desculpa de tomar um sumo de frutas, detinha-se no hotel ou nalgum café, onde nunca faltava um cavalheiro disposto a convidá-la para a sua mesa. Conhecia intimamente os brancos mais poderosos da colónia, inclusive o militar de mais alta patente, o governador. Depois regressava a casa para se ataviar para o exercício da sua profissão, tarefa complicada que exigia um par de horas. Possuía trajes de todas as cores do arco-íris em vistosos tecidos da Europa e do Oriente, sapatilhas ou malas a condizer, chapéus emplumados, xailes bordados da China, pequenas capas de pele para arrastar pelo chão, porque o clima não permitia usá-las, e um cofre com joias de pacotilha. Todas as noites, o afortunado amigo de turno – não se chamava cliente – levava-a a algum espetáculo ou a jantar, depois a uma festa que durava até de madrugada e, por último, acompanhava-a ao seu piso, onde ela se sentia segura, porque Loula dormia num colchão ao alcance da sua voz e, em caso de necessidade, podia desembaraçar-se de um homem violento. O seu preço era conhecido e não se mencionava; o dinheiro era deixado numa caixa de laca na mesa e o próximo encontro dependia da gorjeta.

Num buraco entre duas tábuas da parede, que só Loula conhecia, Violette escondia um estojo de camurça com as suas gemas de valor, algumas oferecidas por Toulouse Valmorain, de quem se

podia dizer de tudo menos que fosse avarento, e algumas moedas de ouro adquiridas pouco a pouco, as suas poupanças para o futuro. Preferia adornos de fantasia, para não tentar os ladrões nem provocar falatórios, mas punha as joias quando saía com quem lhas tinha oferecido. Usava sempre um modesto anel de opala, de desenho antiquado, que lhe pôs no dedo, como sinal de compromisso, Étienne Relais, um oficial francês. Via-o muito pouco, porque passava a sua existência a cavalo, ao comando da sua unidade, mas, se estava em Le Cap, ela preteria outros amigos para o atender. Relais era o único com quem podia abandonar-se ao encanto de ser protegida. Toulouse Valmorain não sabia que partilhava com esse rude soldado a honra de passar a noite inteira com Violette. Ela não dava explicações e nunca teve de escolher, porque os dois não tinham coincidido na cidade.

– O que vou eu fazer com estes homens que me tratam como uma noiva? – perguntou Violette a Loula, numa ocasião.

– Essas coisas resolvem-se sozinhas – replicou a escrava, aspirando fundo o seu cigarro de tabaco preto.

– Ou resolvem-se com sangue. Lembra-te da minha mãe.

– Isso não te acontecerá, meu anjo, porque eu estou aqui para cuidar de ti.

Loula tinha razão: o tempo encarregou-se de eliminar um dos pretendentes. Ao cabo de um par de anos, a relação com Valmorain deu lugar a uma amizade amorosa que carecia da paixão dos primeiros meses, quando ele era capaz de galopar até rebentar cavalgaduras para a abraçar. Espaçaram-se as prendas caras e às vezes ele visitava Le Cap sem fazer intenção de a ver. Violette não o censurou, porque teve sempre noção dos limites daquela relação, mas manteve o contacto, que podia beneficiar os dois.

O capitão Étienne Relais tinha fama de incorruptível num ambiente onde o vício era a regra, a honra estava à venda, faziam-se as leis para as violar e partia-se do princípio de que quem não abusava do poder não merecia tê-lo. A sua integridade impediu-o de enriquecer como outros numa posição similar, e nem sequer a tentação de acumular o suficiente para se retirar para França, como tinha prometido a Violette Boisier, conseguiu desviá-lo do que ele considerava

retidão militar. Não hesitava em sacrificar os seus homens numa batalha ou torturar uma criança para obter informação sobre a sua mãe, mas jamais teria posto a mão em dinheiro que não tivesse sido ganho de maneira limpa. Era rigoroso na sua honra e honestidade. Desejava levar Violette para onde não os conhecessem, onde ninguém suspeitasse que ela tinha ganhado a vida com práticas de escassa virtude e não fosse evidente a mistura da sua raça: nas Antilhas, era preciso ter o olho treinado para adivinhar o sangue africano que corria debaixo da sua pele clara.

Violette não se sentia demasiado atraída pela ideia de ir para França, porque temia mais os invernos gelados do que as más-línguas, contra as quais era imune, mas tinha aceitado acompanhá-lo. Segundo os cálculos de Relais, se vivesse frugalmente, aceitasse missões de grande risco pelas quais ofereciam recompensas e ascendesse depressa na carreira, poderia cumprir o seu sonho. Esperava que, nessa altura, Violette já tivesse amadurecido e não chamasse tanto a atenção com a insolência do seu riso, o brilho demasiado travesso dos seus olhos pretos e o bambolear ritmado do seu andar. Nunca passaria despercebida, mas talvez pudesse assumir o papel de esposa de um militar reformado. Madame Relais… Saboreava essas duas palavras, repetia-as como um encantamento. A decisão de se casar com ela tinha sido o resultado de uma minuciosa estratégia, como o resto da sua existência, ou de um rebate tão violento que nunca o pôs em dúvida. Não era um homem sentimental, mas tinha aprendido a confiar no seu instinto, muito útil na guerra.

Tinha conhecido Violette um par de anos antes, em pleno mercado de domingo, no meio da gritaria dos vendedores e do atropelo de pessoas e animais. Num mísero teatro, que consistia apenas num estrado coberto com um toldo de trapos roxos, pavoneava-se um tipo com bigodes exagerados e tatuado com arabescos, enquanto um miúdo pregoava, em altos gritos, as suas virtudes como o mais portentoso mágico de Samarcanda. Aquele patético espetáculo não teria atraído o capitão se não fosse a luminosa presença de Violette. Quando o mágico solicitou um voluntário entre o público, ela avançou por entre os espectadores e subiu ao sobrado com entusiasmo infantil, a rir-se e a saudar com o leque. Tinha acabado de fazer quinze anos, mas já tinha

o corpo e a atitude de uma mulher vivida, como costumava acontecer naquele clima onde as meninas, como a fruta, amadureciam depressa. Obedecendo às instruções do ilusionista, Violette agachou-se dentro de um baú sarapintado de símbolos egípcios. O pregoeiro, um negrito de dez anos disfarçado de turco, fechou a tampa com dois fortes cadeados, e foi chamado outro espectador para comprovar a sua inviolabilidade. O de Samarcanda fez uns passes com a sua capa, e a seguir entregou as chaves ao voluntário para abrir os cadeados. Quando levantou a tampa do baú, viu-se que a rapariga já não estava lá dentro, mas, momentos mais tarde, o rufar dos tambores do negrito anunciou a sua prodigiosa aparição atrás do público. Voltaram-se todos para olhar boquiabertos a rapariga que se tinha materializado do nada e abanava o leque com uma perna sobre um barril.

Desde o primeiro olhar, Étienne Relais soube que não conseguiria arrancar da alma aquela rapariga de mel e seda. Sentiu que algo estalava no seu corpo, ficou com a boca seca e perdeu o sentido de orientação. Teve de fazer um esforço para voltar à realidade e dar-se conta de que estava no mercado, rodeado de gente. Procurando controlar-se, aspirou profundamente a humidade do meio-dia e a fetidez de peixe e carne a macerar-se ao sol, fruta podre, lixo e merda de animais. Não sabia o nome da bela, mas calculou que seria fácil averiguá-lo, e deduziu que não era casada, porque nenhum marido lhe permitiria expor-se com tamanho desembaraço. Era tão esplêndida que todos os olhos estavam cravados nela, de maneira que ninguém, exceto Relais, treinado para observar até ao mais ínfimo pormenor, se fixou no truque do ilusionista. Noutras circunstâncias, talvez tivesse desmascarado o duplo fundo do baú e a armadilha no estrado, por puro empenho de precisão, mas pensou que a rapariga participava como cúmplice do mágico e preferiu evitar-lhe um mau bocado. Não se deixou ficar para ver o cigano tatuado tirar um macaco de uma garrafa nem decapitar um voluntário, como anunciava o miúdo pregoeiro. Afastou a multidão à cotovelada e partiu atrás da rapariga, que se afastava depressa pelo braço de um homem de uniforme, possivelmente um soldado do seu regimento. Não a alcançou porque, de repente, foi detido por uma negra de braços musculosos cobertos de pulseiras ordinárias,

que se especou em frente dele e o avisou que se pusesse na fila, porque não era o único interessado na sua ama, Violette Boisier. Ao ver a expressão desconcertada do capitão, inclinou-se para lhe sussurrar ao ouvido o montante da gorjeta necessária para que ela o colocasse em primeiro lugar entre os clientes da semana. Foi assim que ficou a saber que se tinha apaixonado por uma das cortesãs que davam fama a Le Cap.

Relais apresentou-se pela primeira vez no apartamento de Violette Boisier, empertigado dentro do seu uniforme acabado de passar a ferro, com uma garrafa de champanhe e uma prenda modesta. Depositou o pagamento onde Loula lhe indicou e dispôs-se a jogar o futuro em duas horas. Loula desapareceu discretamente e ficou sozinho, a transpirar no ar quente da sala atravancada de móveis, levemente enjoado com o aroma adocicado de umas mangas que descansavam num prato. Violette não se fez esperar mais do que uns dois minutos. Entrou a deslizar, silenciosa, e estendeu-lhe as duas mãos, enquanto o estudava com as pálpebras semicerradas e um vago sorriso. Relais pegou naquelas mãos compridas e finas entre as suas, sem saber qual era o passo seguinte. Ela libertou-se, acariciou-lhe a cara, lisonjeada por ele se ter barbeado para ela, e indicou-lhe que abrisse a garrafa. Saltou a rolha e a espuma do champanhe saiu à pressão antes que ela tivesse tempo de pôr a taça, molhando-lhe o pulso. Passou os dedos húmidos pelo pescoço e Relais sentiu o impulso de lamber as gotas que brilhavam naquela pele perfeita, mas estava especado no seu lugar, mudo, despojado de vontade. Ela serviu a taça e poisou-a, sem provar, sobre uma mesinha junto do divã, depois aproximou-se e, com dedos hábeis, desabotoou-lhe a grossa casaca do uniforme. «Tira-a, está calor. E as botas também», indicou, entregando-lhe uma bata chinesa com garças pintadas. A Relais pareceu imprópria, mas pô-la sobre a camisa, debatendo-se com uma confusão de mangas largas, e depois sentou-se no divã, angustiado. Estava habituado a mandar, mas compreendeu que, dentro daquelas quatro paredes, era Violette quem mandava. As frestas da persiana deixavam entrar o ruído da praça e a última luz do Sol, que se coava em facadas verticais, iluminando a salita. A jovem vestia uma túnica de seda esmeralda, apertada à cintura por um cordão dourado, sapatilhas turcas

e um complicado turbante bordado com missangas. Uma madeixa de cabelo preto caía-lhe sobre a cara. Violette bebeu um gole de champanhe e ofereceu-lhe a mesma taça, que ele esvaziou de um trago ansioso, como um náufrago. Ela voltou a enchê-la e segurou-a pelo delicado pé, à espera, até que ele a chamou para perto dele no divã. Foi essa a última iniciativa de Relais; a partir desse momento, Violette encarregou-se de conduzir o encontro à sua maneira.